

Prefácio

Rosa Fátima de Souza Chaloba

Como citar: CHALoba, R. F. de S. Prefácio. *In:* MORAES, A. I. D. **Ruralização do ensino:** as ideias em movimento e o movimento das ideias (1930-1950). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, Data. 11-16.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-162-1>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Prefácio

O movimento das ideias tem sido uma preocupação candente no pensamento social brasileiro. Um bom exemplo, entre tantos, é o muito debatido ensaio “As ideias fora do lugar”, do crítico literário Roberto Schwartz, publicado no livro *Ao vencedor as batatas*, em 1977. No campo da Educação, muito já se problematizou acerca de noções como transferência, importação, influência, utilizados para explicar a presença de modelos europeus e norte-americanos na educação nacional, o intercâmbio das inovações pedagógicas aqui... ali... acolá.

A esse respeito, vale lembrar o grande empreendimento que significou a constituição da Educação Comparada no início do século 19, propondo-se a investigar, com base em princípios científicos, trocas e intercâmbios educacionais. Ao longo do século 19, a comparação em educação adquiriu uma relevância política. Multiplicaram-se os relatórios detalhados sobre as condições da educação de vários países, especialmente os europeus e os Estados Unidos, que passaram a servir como modelos. A esse respeito, Schriewer assinala o quanto os relatórios internacionais e relatórios de viagens, as exposições universais, os congressos internacionais de política social e educacional, os centros e institutos de documentação internacional em formação, não somente estimularam a competição febril entre nações no campo educativo, mas também fundaram, ao mesmo tempo, uma tradição de estudos comprometidos com a política, a administração, com a inovação e a reforma educacionais” (SCHRIEWER, 2002).

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-162-1.p11-16>

Na transição do século 19 para o século 20, a Educação Comparada se tornou uma importante área de estudos na nascente Ciências da Educação. Ao longo do século 20, ela assumiu novas abordagens substituindo a ênfase descritiva por procedimentos mais analíticos e críticos.

No campo da História da Educação, os estudos acerca dos contatos, trocas culturais e espraiamento das inovações educacionais é mais recente e se intensificaram nas duas últimas décadas, valendo-se de outros referenciais teórico-metodológicos como a histórica conectada de Gruzinski, a história cruzada proposta por Zimmermann e, mais recentemente, na perspectiva transnacional.

É desta temática atual e instigante que se nutre este livro de Agnes Iara Domingos Moraes, que se constitui, sem sombra de dúvida, um marco na historiografia da educação rural no Brasil. Fruto de uma tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, campus de Marília, que eu tive a grande satisfação de orientar, posso afiançar seus inúmeros méritos, dentre os quais prefiro destacar aqueles mais atinentes à originalidade do estudo.

A relevância do tema é inquestionável. Entre as décadas de 1930 e 1960, proposições com base na ruralização do ensino nortearam políticas para a educação rural, suscitaram inúmeros debates entre educadores e intelectuais e resultaram em diversas iniciativas educacionais. Como bem evidencia este livro, os ruralistas expressavam uma posição conservadora. Eles defendiam o projeto de um Brasil agrário pautado na fixação do homem no campo e em posições contrárias à industrialização e à urbanização. A educação escolar era vista como saneadora do meio rural devendo a escola “atender às necessidades das áreas rurais e preparar os estudantes para o trabalho agrícola”, assumindo características pedagógicas específicas, diferenciadas das escolas de ensino comum.

A novidade deste livro reside, justamente, na releitura do Movimento pela Ruralização do Ensino, feita com muita propriedade. O ponto de partida são duas problematizações fundamentais: a primeira, a reconstituição histórica do movimento a partir dos educadores que se auto reconheciam como ruralistas do ensino e, a segunda, a revisão da noção do Ruralismo Pedagógico.

O enredo histórico do movimento é urdido em torno de Sud Mennucci, um dos mais emblemáticos propositores do assunto, considerado por alguns de seus contemporâneos e companheiros de jornada a “maior autoridade em ruralismo” no Brasil. A interpretação da autora, decorre, assim, da abrangência das indagações propostas: “quais ideias? Quem as defenderam? Como elas circularam?”, e da escuta sensível das fontes. O resultado é uma análise aprofundada do movimento que traz importantes contribuições para o seu entendimento.

Em relação ao Ruralismo Pedagógico, a reação se volta contra o anacronismo, dado que o termo passou a ser utilizado no discurso acadêmico na década de 1980, desconsiderando a denominação empregada pelos próprios ruralistas. Estamos, assim, diante de uma revisão necessária de interpretações instituídas.

O livro examina questões cruciais à compreensão da escolarização no meio rural e convida o leitor a se enveredar nos meandros do fluxo histórico inexorável do movimento das ideias. Quem foram os ruralistas do ensino? Que ações desenvolveram para que o movimento se fortalecesse? Quais os interesses subjacentes às propostas pedagógicas de uma escola primária ruralizada e de uma formação específica do magistério nas escolas normais rurais? Qual a intencionalidade pressuposta na defesa da fixação dos trabalhadores no campo?

Para explorar essas questões, Agnes Moraes se valeu-se de fontes inéditas com as quais lidou com rigor e acuidade. Ao escudar o *corpus* de pesquisa no arquivo pessoal de Sud Mennucci, Agnes não apenas deu

visibilidade a esse precioso acervo sob a guarda do Centro de Memória e Acervo Histórico/ CRE “Mário Covas” – SP, como demonstrou a potencialidade do uso de fontes epistolares para a pesquisa histórica em educação. Ao “revirar” o acervo, ela perseguiu indícios fundamentais até então inexplorados sobre a atuação desse educador e sobre a rede de sociabilidade constituída em torno da ruralização do ensino.

O extraordinário trabalho com as fontes salta aos olhos. A partir da leitura de 1.680 cartas e telegramas recebidos por Sud Mennucci existentes no acervo, Agnes selecionou e analisou 442 missivas identificando nelas não só o conteúdo, mas, também, os remetentes e seus pertencimentos profissionais, institucionais e espaciais. Lidando com uma operação meticulosa com os indícios encontrados, a autora pôde rastrear municípios, Estados e países de onde essas correspondências foram enviadas. O mapeamento desses dados é, em si mesmo, revelador das conexões estabelecidas pelo movimento. Além dessas fontes, utilizou recortes de jornais e fontes complementares como a *Revista Brasileira dos Municípios*, a *Revista do Professor*, e ainda livros de autoria de Sud Mennucci. É dessa profusão de dados que se alinhava o texto permitindo ao leitor se aproximar dos sujeitos e suas ideias, ruralistas conhecidos Thales de Andrade, Renato Sêneca Fleury, Noêmia Saraiva, Amália Xavier, e outros anônimos, mas não menos combatentes.

Outro aspecto inovador deste livro reside na interpretação sobre a circulação das ideias. Por um lado, chama a atenção para a difusão do movimento da Ruralização do Ensino no interior do país, e, por outro lado, põe em discussão as relações e interconexões dessas ideias em âmbito internacional.

É demais significativo o olhar sobre a difusão desse movimento em plano nacional, dadas as dimensões do Brasil e as diversidades regionais, além das desigualdades educacionais existentes entre os Estados brasileiros. A reflexão proposta no livro reage, por conseguinte, tanto em relação ao paroquialismo quanto às tendências equivocadas de generalização de processos

históricos localizados em determinadas localidades para todo o país. Ao postular como e por quais meios as ideias dos ruralistas do ensino se propagaram no Brasil, o livro apresenta uma cartografia detalhada de ações, eventos, objetos e sujeitos implicados nas ideias em movimento: Semanas Ruralistas, congressos, publicação de impressos, criação de escolas típicas rurais e escolas normais rurais, institucionalização dos clubes agrícolas escolares, a atuação de sociedades civis como a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e a Sociedade Luiz Pereira Barreto. Ações sincrônicas e diacrônicas patrocinadas por governos estaduais e municipais, pelo Ministério da Educação e Saúde (especialmente pelo Inep), mas, também, por educadores voluntariosos e abnegados e outros vinculados a instituições como a Igreja e associações diversas.

Trata-se, como bem sugerido no título, de “ideias em movimento e [d]o movimento das ideias”. Mas vale o alerta. Hora alguma, a autora lida com essas proposições como meras abstrações. São ideias encarnadas em sujeitos e práticas sociais e educacionais. Ideias de cariz nacional, como os inúmeros livros escritos por Sud Mennucci no diálogo com outros autores como Alberto Torres e ruralistas de vários matizes. Múltiplos diálogos que se estendem pelos mais variados recantos do país e atravessaram fronteiras. Seguindo os rastros das missivas recebidas por Sud Mennucci do exterior, ganha especial relevo na presente obra a circulação internacional das ideias do Movimento pela Ruralização do Ensino confrontadas com outras ações políticas e institucionais relacionadas à educação rural.

Não posso deixar de registrar um depoimento pessoal em relação à trajetória intelectual de Agnes Iara Domingos Moraes. Tive o prazer de orientar essa entusiasta e promissora pesquisadora no mestrado e no doutorado. Foram anos de convívio estimulante cultivado pelo compromisso acadêmico e engajamento político entrevistado na escolha dos temas de pesquisa e na posição crítica no modo de abordá-los. Agnes, também, sempre se destacou pela solidariedade e gentileza no trato com todos os colegas do grupo

de pesquisa e com os professores do Programa de Pós-graduação. O desafio ao assumir uma pesquisa de tamanha abrangência é, de igual forma, denotativa de sua competência e determinação.

Caberia ainda destacar vários pontos, mas encerro com uma última observação demarcando a atualidade deste livro. Continuam em debate e em disputa na sociedade brasileira propostas de educação para o campo. A proposta de natureza política e pedagógica passa, também, por um projeto de nação. Prescrutar o Movimento pela Ruralização do Ensino, além de alargar o repertório reflexivo sobre a história da educação rural, serve de alerta salutar. O que se encontra em jogo, no passado e no presente, é a defesa da democracia, a luta por uma sociedade mais humana e igualitária. Resta saber qual projeto atende melhor a tais necessidades.

Rosa Fátima de Souza Chaloba

Campinas, junho de 2021. Final de outono tristonho,
assolado pela tragédia humanitária de mais de 473 mil mortos pela
Covid-19 no Brasil.

Referências

SCHRIEWER, Jurgen. Educación comparada: un programa ante nuevos desafíos. *In: Formación del discurso en la educación comparada*. Barcelona: Ediciones Pomares, 2002.